

ESTRADAS PARA O PARAÍSO E A PERDIÇÃO: CRISTO, EVOLUÇÃO E PECADO ORIGINAL¹

por George L. Murphy²

(Tradução: Thiago de Menezes Machado)

Resumo: Depois de esboçar o contexto teológico para discussão, os problemas reais conectados a evolução e pecado original se distinguem dos superficiais. É dada consideração ao material bíblico relevante, o desenvolvimento histórico das ideias sobre pecado original e retidão original e conhecimento científico a respeito da evolução humana. A ênfase principal deste artigo é um modelo do começo do pecado na raça humana e as condições a que ele dá ocasião, um modelo que corresponda, em linhas gerais, ao quadro científico das origens humanas e a algumas compreensões teológicas dos primeiros humanos na igreja antiga. Nós concluímos com reflexões sobre o relacionamento entre morte e pecado humano.

Palavras-chave: pecado original; origens da humanidade; evolução.

Abstract: After sketching the theological context for discussion, the real problems connected with evolution and original sin are distinguished from superficial ones. Consideration is given to the relevant biblical material, the historical development of the ideas of original sin and original righteousness, and scientific knowledge about

¹ Texto – *Roads to Paradise and Perdition: Christ, Evolution and original sin* – originalmente publicado na revista *Perspectives on Science and Christian Faith*, v. 58, n. 2, June 2006, pp. 109-118. Disponível na página: <http://www.asa3.org/ASA/PSCF/2006/PSCF6-06Murphy.pdf>.

² George L. Murphy é um associado da ASA e possui PhD. da Universidade Johns Hopkins em Física e um M.Div do Seminário Wartburg. Ele é um associado da pastoral da igreja Episcopal de St. Paul em Akron, Ohio, bem como um adjunto no seminário Luterano Trinity em Columbus, Ohio. Além de artigos de pesquisa na área de física, ele publicou numerosos artigos e cinco livros sobre as relações entre teologia e ciência. Os mais recentes são *The Cosmos in the Light of the Cross* (2003) e *Pulpit Science Fiction* (2005), uma coleção de histórias de ficção científica, sermões e ensaios sobre ficção científica e religião. George escreve a coluna *Handiwork* do *Lutheran Partners* com a finalidade de auxiliar líderes de igrejas a lidar com tópicos em ciência e tecnologia no ministério e contribui para o website para pregadores com atualizações semanais *The Immediate Word*. E-mail: gmurphy@raex.com.

human evolution. The main emphasis of this paper is on a model of the beginning of sin in the human race and the conditions it gives rise to, a model that corresponds in broad outlines to the scientific picture of human origins and to some theological understandings of the first humans in the early church. We conclude with reflections on the relationship between death and human sin.

Keywords: original sin; human origins; evolution.

O contexto cristológico

Questões relacionadas com o pecado original têm convencido muitas pessoas que cristianismo e evolução são incompatíveis. Têm havido inúmeras discussões sobre isso, mas os resultados não têm sido completamente satisfatórios, especialmente para aqueles que sentem que atenção para a origem histórica do pecado é necessária.³ Portanto, nova tentativa de lidar com as questões parece justificada.

Este artigo é oferecido como uma proposta teológica construtiva que leva em consideração realidades científicas. Apenas os aspectos mais essenciais das Escrituras, tradição teológica e teorias e observações científicas podem ser inclusos. Eu assumo que o quadro geral da evolução biológica é correto e que a humanidade veio a existir por Deus através desse processo (*cf.* Miller, 2003). Eu também argumento que alguns aspectos dos textos bíblicos relevantes representam adaptação aos contextos dos escritores bíblicos e não são essenciais à mensagem que o Espírito Santo pretende comunicar. Mais será dito sobre isso no local apropriado.

³ Discussões que contribuíram para o presente trabalho incluem: Boureux and Theobald (2004); Collins (2003); Hefner (1993); Niebuhr (1964); Segundo (1974); Trooster (1968); Wiley (2002); Williams (2001).



Nós precisamos começar do referencial bíblico apropriado: a revelação da vontade de Deus para a criação em Jesus Cristo. Nossas questões precisam ser trabalhadas no contexto de uma teologia do crucificado.⁴

Isto pode parecer surpreendente porque cristãos frequentemente têm entendido a Encarnação como o “plano B” de Deus para resolver os problemas do pecado. Deus, supostamente, fez um mundo perfeito que foi, então, estragado pelo pecado humano de modo que o arrependimento fez-se necessário para reparar o dano. Mas esta visão faz do pecado uma contingência do pecado humano. Nós encontramos linguagem que faz contato com nosso tópico na liturgia antiga da vigília de páscoa:

Ó, necessário pecado de Adão, que é removido pela morte de Cristo!

Ó, feliz falta, que é digna de receber tão grande Redentor! (*Lutheran Book...*, 1978, p. 145)

Isto é, às vezes, visto como um profundo mistério, mas equivale a dizer que, por pecar, a humanidade *ganhou* uma encarnação que, de outra maneira, não aconteceria!

A questão se a Encarnação teria ocorrido caso a humanidade não houvesse pecado tem sido debatida por séculos. Alguns teólogos medievais (incluindo São Tomás de Aquino) disseram “não” e outros “sim” (*cf.* Tomás de Aquino, 1952, v. II, p. 704). Efésios 1:10, que fala

⁴ Este artigo é parte do programa de pesquisa iniciado em Murphy (2003).

do plano de Deus “para levar os tempos à sua plenitude: reunir o universo inteiro sob um só chefe, Cristo”⁵, favorece a última resposta. Em tempos modernos, Barth argumentou veementemente que a Encarnação é o propósito da criação (*cf.* Barth, 1959, p. 58).

Aqui nós assumimos essa compreensão. Deus criou um universo capaz de se desenvolver de tal maneira que vida inteligente pudesse surgir ara que ele pudesse se encarnar (*cf.* Murphy, 1993, p. 256; 2003, cap. 12). Nem o mundo como um todo nem a humanidade seriam “perfeitos” inicialmente. “Muito bom” em Gênesis 1:31 não significa que melhoramento seria impossível (de outra forma, “sejam fecundos e se multipliquem” não faria sentido). Nós veremos que o cristianismo oriental pensou na humanidade criada em um estado imaturo e era a intenção de Deus que ela se desenvolvesse.

Mas era a *cruz* parte desse processo? Quando nós refletirmos na maneira em que a humanidade evoluiu, nós veremos que é difícil imaginar como isso poderia ter acontecido sem que o pecado entrasse no quadro. Se é assim, se alguma alienação da Criação de Deus era um aspecto inevitável (ainda que não “necessário”) do processo evolutivo, nós podemos ver porque, mesmo antes da criação, Deus poderia ter planejado a cruz como uma maneira de “tudo reconciliar” consigo mesmo (Colossenses 1:20). 1 Pedro 1:19-20 e Apocalipse

⁵ Exceto quando indicado, todas citações bíblicas são provenientes da *Tradução ecumênica* (TEB). Originalmente as citações do texto em inglês são provenientes da *New Revised Standard Version* (NRSV).



13:8 falam de Cristo como o cordeiro sacrificial destinado (respectivamente) antes ou desde a “fundação do mundo”.⁶

Há similaridade entre essa visão e calvinismo supralapsariano, no qual o decreto de Deus para a predestinação precede (em um sentido lógico, não temporal) os decretos de criação e permissão da queda (*cf.* Hepppe, 1977, pp. 146–9). A ênfase, entretanto, deveria ser na eleição de Deus primeiro de *Cristo* e, então, dos outros em Cristo, da criação por causa dessa eleição (*cf.* Barth, 1957). Nosso conhecimento da criação e os problemas relacionados ao pecado devem ser vistos à luz da Encarnação, cruz e ressurreição. Nas palavras de Bonhoeffer: “O mundo existe desde o começo no sinal da ressurreição de Cristo dos mortos” (Bonhoeffer, 1998, p. 34).

Nosso quadro da criação, então, não é um de perfeição estática, mas de atividade divina em um universo dinâmico, que as ciências físicas e biológicas revelam-nos. Deus quis que o tempo e a história e o estado final das coisas não sejam apenas um retorno ao estado inicial. Nesta consumação da história, há, de fato, a árvore da vida (Apocalipse 22:2), mas no meio de uma cidade, para a qual as pessoas trouxeram “a glória e a honra das nações” (Apocalipse 21:26), tudo de bom realizado na história humana (*cf.* Caird, 1966, pp. 279–80).

Isto tem profundas implicações para nossa autocompreensão. O padrão de humanidade genuína não é a descrição bíblica do

⁶ Caird (1966, p. 168) argumenta em favor da tradução “o Cordeiro morto desde a fundação do mundo” (*cf.* notas de rodapé nas traduções inglesas *King James Version* – KJV – e *New Revised Standard Version* – NRSV – da Bíblia em Apocalipse 13:8).

primeiro homem e da primeira mulher. Se assim fosse, nós não saberíamos quase nada sobre que tipo de pessoas deveríamos ser. Menos ainda nosso padrão deve ser o que a ciência nos diz sobre alguns membros do *genus Homo*. O exemplar de humanidade, a verdadeira imagem de Deus (Colossenses 1:15), é Jesus Cristo, como ele é proclamado para nós nas Escrituras, e o propósito de Deus para todos nós é crescer em maturidade nele (Efésios 4:11-16).

Os reais problemas

“Se não houve Adão histórico e Queda histórica, a necessidade de um salvador desaparece. A estrutura do cristianismo desmorona”. Tais afirmações sobre as implicações da evolução são, algumas vezes, feitas por cristãos que rejeitam a evolução e por evolucionistas que rejeitam o cristianismo, pessoas que podem concordar em quase nada mais.⁷ Uma pessoa honesta deve, supostamente, rejeitar a um dos dois, evolução e cristianismo.

A evolução requer que nós repensemos ideias tradicionais sobre retidão, pecado e salvação, mas o argumento há pouco esboçado falha. Ele pode ser eliminado rapidamente como preparação para questões mais adequadas.

A reivindicação cristã é que um salvador é necessário porque todas as pessoas são pecadoras. É simples assim. *Por que* todas as pessoas são pecadoras é uma questão importante, mas uma resposta

⁷ Para tais argumentos contra o cristianismo, ver: Wells (1926, p. 616), Cable (s/d). Usos típicos dos mesmos argumentos para atacar a evolução podem ser encontrados em Ham (1987, p. 73), e Rusch (1991, pp. 25–26).



para isso não é requerida para reconhecer a necessidade de salvação. Nenhum dos evangelhos usa a história de Gênesis 3 para falar da significação de Cristo. Em Romanos, Paulo desenvolve uma acusação da raça humana como pecadora e, então, apresenta Cristo como a solução de Deus para esse problema nos capítulos 1 a 3, antes de mencionar o pecado de Adão no capítulo 5.

Em apoio a esta afirmação, nós podemos citar Jonathan Edwards. No século 18, ele estava desavisado das teorias evolucionárias modernas e leu Gênesis 3 como história. Ainda assim, o primeiro capítulo de sua defesa do pecado original é *A evidência do pecado original do que aparece no fato da pecaminosidade da humanidade* (Edwards, 1970). Ao proclamar a mensagem cristã para pessoas que não a ouviram, nós não começamos por tentar convencê-las que houve um pecado dos primeiros humanos, no qual eles estavam envolvidos. A mensagem básica lei-evangelho é, em troca, “você é um pecador e Cristo é seu salvador”.

A distinção crucial aqui é entre a ideia de um “pecado original” que aconteceu no começo da história humana e aquele de um “pecado de origem” que afeta a todos os seres humanos desde o começo e do qual eles não podem se libertar.⁸ A necessidade de um salvador é dependente da segunda crença, não da primeira.

Pecado é uma realidade existencial. Cada um de nós é um pecador e nós compartilhamos uma condição pecaminosa comum.

⁸ Formalmente: *peccatum originale originans*, pecado original na origem, e *peccatum originale originatum*, pecado original originado. Ver: Wiley (2002, p. 5).

Teólogos modernos têm tentando manter esse ponto em vista sem ler Gênesis 3 como uma narrativa histórica⁹ e alguns são explícitos em se livrar de Adão e Eva (cf. Williams, 2006). Eu concordo que Gênesis 2-3 não deve ser lido como história. Adão e Eva são representações teológicas de todos os humanos e eu não tentarei localizar os primeiros pais da raça humana nos registros paleontológicos. Mas isso não significa que a questão da origem do pecado seja sem importância.

Se Adão e Eva representam a *todos* os humanos, então eles representam também os *primeiros* humanos. E, se a humanidade tem sido pecadora desde o tempo em que veio a ser, sem fazer nada para *se tornar* pecadora, o pecado seria parte da natureza humana em si mesma. Para evitar essa conclusão, nós precisamos usar textos bíblicos sobre a criação e o pecado para nos guiar na tentativa de entender como o primeiro pecado humano pode ter tido um papel em trazer a condição pecadora como uma parte do processo evolutivo.

O pecado original é, algumas vezes, dito ser a doutrina cristã empiricamente mais óbvia, mas isso é enganoso. Pecado tem a ver, primeiro, com nosso relacionamento com Deus. É óbvio que todo mundo faz coisas más, mas apenas a revelação nos diz que todos são alienados de Deus e agem contrariamente à vontade de Deus. Discussões de pecado do ponto de vista de ciências comportamentais ou sociais não vão até a raiz do problema.

⁹ Ver referências na nota de rodapé número 3.



O conceito tradicional ocidental do pecado original não tem sido aceito por todos os cristãos. Variantes da doutrina desenvolvida por Agostinho no quinto século têm sido afirmadas em todas as partes da Igreja Ocidental, mas não permaneceram incontestes. A ideia de que todas as pessoas foram afetadas por e, de fato, culpadas do pecado de um ancestral parece irracional e injusta para muitos cristãos. Mas, precisamente porque o pecado original era controverso antes que Darwin e Wallace surgissem, nós precisamos ter cuidado para não permitir que a evolução seja apenas uma desculpa para libertar-se de uma doutrina que as pessoas não gostam por outras razões.

A ideia de que o pecado dos primeiros humanos resultou no estado pecaminoso de seus descendentes levanta a questão de como essa condição é transmitida de uma geração à outra. Um contraste normalmente é desenhado entre a crença de Agostinho de que as pessoas são incapazes de evitar o pecado por uma condição herdada de Adão e aquela de Pelágio, na qual as pessoas têm o poder de evitar pecar, mas são influenciadas por um ambiente pecaminoso, incluindo o exemplo de Adão. Mas nós veremos que colocar a questão como uma escolha entre hereditariedade e ambiente é uma falsa dicotomia.

As visões da Igreja Oriental sobre a condição humana original e o problema do pecado diferem significativamente de Agostinho. A tradição ortodoxa precisa ser ouvida nessa área e provê algumas diretrizes para nossas reflexões aqui.

Ainda que o problema com o qual nós lidamos aqui seja, normalmente, referido como o “pecado original”, nós veremos que o mais sério desafio que a evolução oferece é à “retidão original”, à ideia de que os primeiros humanos eram criados em um “estado de integridade”, no qual eles eram sem pecado e poderiam continuar dessa forma. Tal quadro é difícil de reconciliar com o que é conhecido da evolução e, portanto, precisa de nova consideração.

Pano de fundo bíblico

Exegese detalhada não é possível aqui, mas teologia séria precisa começar com as Escrituras. Os textos mais importantes que nós precisamos considerar são Gênesis 3 e as formas como Paulo usa esta história. Mas os capítulos de Gênesis que seguem a história do primeiro pecado também são significativos.

Gênesis 3 é sobre humanos desconfiando e desobedecendo a Deus. Eles não acreditam no que Deus disse e transgridem o comando de Deus (*cf.* Lutero, 1958, pp. 146–7). A história não é, em primeiro lugar, sobre os pecados de um ser humano contra outro. O pecado é, como nós notamos, um conceito *teológico*. O primeiro mandamento vem primeiro. Paulo diz o mesmo em Romanos 1:18-32. Os pecados listados nos versículos 24-31, como imoralidade sexual e engano, são consequência da recusa em honrar a Deus nos versículos 21-23.

Este pecado contra Deus resulta em relacionamentos fragmentados entre as pessoas entre si e com o mundo. O homem



culpa a mulher, que culpa a serpente. O pecado lança uma sombra na gravidez e amaldiçoa o chão. Nos capítulos seguintes, a situação piora pelo assassinato de Abel por Caim, o grito de Lameque por vingança ilimitada, a corrupção universal que provoca o dilúvio e a Torre de Babel. Não há muito de uma queda abrupta no capítulo 3, mas um processo de queda do capítulo 3 ao 11.

O pecado dos primeiros humanos está conectado com sua morte: “és pó e ao pó voltarás” (Gênesis 3:19b). Nós lidaremos com o assunto da mortalidade em nossa sessão final.

Mas é verdade que este primeiro pecado é passado, ou imputado, a todos os descendentes de Adão? Os primeiros capítulos de Gênesis e, de fato, todo o Antigo Testamento não dizem nada sobre isto. Não há indicação de que o escritor de Gênesis 3 pensou nesta história como um fator causal na pecaminosidade geral da humanidade.

Uma pecaminosidade geral, no entanto, está em jogo. Em Gênesis 8:21, depois que o resto da humanidade foi destruído e apenas a família de Noé sobrou, Deus observa que “o coração do homem se inclina para o mal desde a sua juventude”. Salmos 51:5 e Jó 14:1-4 sugerem que esta pecaminosidade geral afeta todas as pessoas desde o começo da vida.

Não é claro que o escritor de Gênesis 2-3 pensou no “homem” e na “mulher” como pessoas históricas. O lugar em Gênesis em que

adam se torna um nome próprio, Adão, é discutível.¹⁰ Adão, como o primeiro homem, é listado em genealogias (Gênesis 5:1-5 e 1 Crônicas 1:1) e pode ser referido em Oséias 6:7.¹¹ Mas o fato de que Adão nunca é mencionado nas recitações do Antigo Testamento dos atos de Deus na história sugere que Israel, naquele período, não o via como uma figura histórica (*cf.* Westermann, 1984, p. 276). Pelo tempo de Cristo, entretanto, os judeus entendiam Adão e Eva como históricos e seu pecado como a causa da miséria humana posterior. As afirmações de Paulo sobre Adão devem ser lidas neste contexto. Cuidado, de qualquer forma, é necessário contra excessos em ambas interpretações, “conservadoras” e “liberais”.

De um lado, o fato de que o judaísmo da época e o próprio Paulo pensaram em Adão como uma figura história, não significa que nós precisamos. Nós temos uma situação semelhante em Gênesis. Ele fala do céu como uma abóbada (1:6) e a parte do mundo conhecida do escritor como “toda a terra”, em contraste com o que nós aprendemos da astronomia e geografia modernas mais acuradas. Como Seely argumentou, citando Calvino, há adaptação a contextos culturais nestes assuntos que não são essenciais à mensagem teológica do texto (*cf.* Seely, 2001, p. 15, especialmente a seção VIII). Isto pode ser visto como concessão do Espírito Santo que inspirou os

¹⁰ Segundo o *Interpreter's Dictionary of the Bible*, “Adão” pode ser um nome próprio em Gênesis 2:20, 3:17, 3:21 e 4:1. A *New Revised Standard Version* (NRSV) traz em sua tradução “o homem”, em todas estas passagens, com “Adão” nas notas de rodapé para as três primeiras. Enquanto a *New International Version* (NIV) traz “o homem” na primeira passagem e “Adão” nas demais.

¹¹ No último caso, Adão pode se referir a um nome de lugar, como em Josué 3:16. Ver Wolff (1974, pp. 105 e 121).



escritores bíblicos, um tipo de autolimitação divina que uma teologia da cruz nos leva a esperar. Não era apenas uma questão de autores usando linguagem elementar para descrever coisas que eram desconhecidas a seus contemporâneos. Não há razão para pensar, por exemplo, que o escritor de Gênesis 1 sabia sobre o *Big Bang*, mas escolheu falar em termos da cosmologia antiga do Oriente Próximo.

Nós podemos entender as referências de Paulo a Adão como um indivíduo histórico como uma adaptação semelhante. Em Romanos 5:12-21, o propósito de Paulo é afirmar a importância de Cristo para os problemas humanos de pecado e morte, não dar informação sobre a história antiga da humanidade (*cf.* Barth, 1956).

Por outro lado, a afirmação de que Adão não é um indivíduo em sentido moderno não significa que Paulo esteja falando *apenas* sobre a situação existencial de todas as pessoas ou que a origem do pecado não esteja em vista no texto. No versículo 12, ele fala do pecado vindo ao mundo não como algo simplesmente dado na criação. O alcance da morte é devido ao fato de que “todos pecaram”. Mas há uma diferença do pecado de “todos” e o pecado primordial, pois Paulo se refere aos “que não tinham pecado por uma transgressão idêntica à de Adão” (Romanos 5:14). O primeiro pecado teve eficácia causal: “pela desobediência de um só homem, a multidão se tornou pecadora” (Romanos 5:19).

Paulo aparentemente viu mais em Gênesis 3 do que o autor do texto quis, mas seria absurdo, mesmo no nível da literatura secular, dizer que ele estava errado ao fazê-lo. Nós não dizemos que Goethe

“interpretou mal” a história de Fausto porque ele reverteu o sentido original de versões anteriores. E, se nós levamos a sério a ideia de inspiração das Escrituras, não é difícil acreditar que Paulo poderia ter sido levado a um entendimento mais profundo que o do autor bíblico anterior.

Vamos notar também Efésios 2:3. Enquanto ele não diz nada sobre um pecado original dos primeiros humanos, a afirmação de que antes da fé em Cristo todas as pessoas são “destinadas à cólera”, afirma o que veio a ser chamado pecado de origem.

Doutrinas do pecado original e retidão original

Pecado original não se tornou um tópico de contenda no cristianismo até o quinto século.¹² O assunto veio à tona nos debates entre o Agostinho de Hipona e o monge britânico Pelágio e seus apoiadores.¹³ Seu desentendimento não foi, em primeiro lugar, sobre o pecado de Adão, mas até que ponto os humanos poderiam fazer a vontade de Deus sem a graça salvadora. Agostinho insistiu que, sem tal graça, ninguém está apto para ser confiado e obedecer a Deus propriamente – que todos são pecadores desde o começo da vida. Um de seus principais argumentos era de que a igreja batizava crianças, como adultos, “para o perdão de pecados” (nas palavras do Credo Niceno), uma prática que não faria sentido se as crianças não fossem,

¹² Wiley (1968) possui uma discussão mais detalhada.

¹³ Os escritos anti-pelagianos de Agostinho estão em *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers V* (1971). Para Pelágio, ver Rees (1991).



de alguma forma, pecadoras.¹⁴ Pelágio tinha uma visão mais otimista dos poderes humanos sem ajuda. Agostinho explicava a pecaminosidade de todas as pessoas ligando sua condição a Adão, “em quem todos pecaram”, de acordo com uma tradução latina de Romanos 5:12. Para Pelágio, por outro lado, Adão, essencialmente, deu mau exemplo que nós podemos ou não seguir.

A Igreja Ocidental aceitou a visão de Agostinho, ainda que com algumas modificações. A afirmação definitiva disto são os cânones do Sínodo de Orange, em 529.¹⁵ O que é significado pela “doutrina do pecado original” é, normalmente, alguma versão dos ensinamentos de Agostinho: todas as pessoas (com exceção de Cristo) recebem as consequências do pecado de Adão e nascem não apenas com uma tendência ao pecado, mas pecadoras de fato. Partes diferentes da tradição cristã têm, no entanto, modificado essa visão de várias maneiras e alguns cristãos, do quinto século até hoje, têm simplesmente se oposto à ideia de Agostinho. A ideia de que todas as pessoas são “nascidas pecadoras” é desagradável e, especialmente desde o Iluminismo, muitas pessoas têm tido uma visão mais positiva da condição humana. Elas rejeitaram a ideia do pecado original e, enquanto elas podem apelar à evolução para apoiar sua suposição, sua razão básica para se opor à doutrina pode ser diferente.

¹⁴ A doutrina tradicional do pecado original não diz apenas que bebês irão se tornar pecadores a uma certa idade, mas que eles são pecadores. É inconsistente para aqueles que se opõem ao batismo infantil e utilizam tal doutrina tradicional como um argumento contra a teoria da evolução.

¹⁵ Disponível em www.reformed.org/documents/canons_of_orange.html.

Uma forte afirmação do pecado original na tradição agostiniana está no Artigo II da *Confissão de Augsburgo* de 1530.

Ainda mais, é ensinado entre nós que, desde a queda de Adão, todos os seres humanos que são nascidos da maneira natural são concebidos e nascidos em pecado. Isso significa que desde o nascimento eles são cheios de lascívia e inclinação malignas e não podem, por natureza, possuir o verdadeiro temor de Deus e verdadeira fé em Deus. Mais ainda, essa mesma doença inata e *pecado original*¹⁶ é verdadeiramente pecado e condena à ira eterna todos os que não são, em contrapartida, nascidos de novo através do batismo e do Espírito Santo. (*in* Kolb e Wengert, 2000, pp. 36-38)

Esta é uma visão tenebrosa da condição humana, mas não tão tenebrosa que o pecado original se confunda com a natureza humana caída, fazendo do demônio, de fato, o criador da humanidade não redimida. E, posteriormente (em 1580), a *Fórmula de Concórdia*, tomando uma posição definida contra o pelagianismo, fez este papel (*cf. ibidem*, pp. 487-491 e 531-542).

A discussão sobre o pecado original está incompleta se nós não tivermos nada para contrastar com ele. Se o pecado é um defeito ou distorção, ele é um defeito ou uma distorção de quê? A contrapartida do “pecado original”, na teologia clássica, é a “retidão original”. A humanidade, supostamente, deveria ser criada *sem*

¹⁶ Como os tradutores notam, a palavra alemã traduzida como “pecado original” é *Erbsünde*, cuja tradução literal é “pecado hereditário”.



pecado e apta a evitar o pecado. Abraham Calovius definiu a condição original da humanidade de acordo com essa visão.

É chamado de um estado de integridade, porque o homem, nele, era correto e sem corrupção (Eclesiastes 7:29) no intelecto, vontade, afeições corporais e capacidades, e em tudo era perfeito. Eles chamam isso, também, de estado de *inocência*, porque ele era inocente e puro, livre de pecado e poluição. (Schmid, 1961, p. 220)

Neste estado, a humanidade tinha “verdadeiro temor de Deus e verdadeira fé em Deus”. Como a afirmação de [Abraham] Calovius mostra, a ideia era elaborada de tal maneira que Adão e Eva eram imaginados como perfeitos em todos os aspectos, com habilidades físicas e mentais bem além das pessoas posteriores, em adição a possuírem confiança completa em seu criador. Representante de tal visão é a afirmação de South de que “um Aristóteles foi apenas escombros de um Adão” (*apud* Peake, 1908, p. 116).

Estas especulações têm exacerbado o aparente conflito entre cristianismo e evolução. Isto é lamentável e desnecessário, pois a Bíblia não diz nada sobre tal perfeição.¹⁷ Gênesis 1-3 não diz que os primeiros humanos eram intelectualmente brilhantes ou que tinham poderes físicos impressionantes. Mesmo sua habilidade de confiar em Deus não significa que eles eram teólogos hábeis.

¹⁷ Existe tal imagem do ser humano primordial em Ezequiel 28:11–19, mas esta é utilizada como um “mito quebrado” para descrever o destino do rei de Tiro.

Nas tradições das igrejas orientais, nós encontramos um quadro da antiga humanidade diferente daquele do Ocidente e mais de acordo com um quadro de desenvolvimento. O apologista do segundo século Teófilo de Antioquia explicou a proibição da árvore do conhecimento dizendo: “Adão, sendo ainda uma criança na idade, era, por causa disso, ainda inapto a receber conhecimento relevante” (Teófilo, 1979, p. 104). De acordo com Irineu: “O homem era uma criança jovem, não tendo ainda perfeita deliberação” e “Era necessário, para ele, alcançar completo desenvolvimento dessa maneira” (Irineu, 1997, p. 47). Enquanto, para Agostinho e a Igreja Ocidental, a perfeição da humanidade era, de fato, realizada no Paraíso antes da entrada do pecado, para Irineu e muito da tradição oriental, a humanidade foi criada com o potencial para crescer em direção à perfeição. Deus deu ao ser humano a habilidade de progredir, com a graça divina, em direção à união perfeita com Deus (*cf.* Ware, 1963, pp. 224–5).

Origem humana

Nossa pressuposição de que Deus criou a humanidade através dos processos de evolução precisa ser trabalhado um pouco. Enquanto nós não precisamos apontar exatamente quando ou onde a humanidade veio a ser, há aspectos do quadro científico que precisam ser levados em consideração.

A proposta teológica a ser feita aqui não depende do número de homínidos a serem considerados os primeiros humanos ou



quando eles vieram a ser. Mas parece improvável que a atual raça humana pode ser ligada a apenas um par de homem e mulher. Como um exemplo da dificuldade que esta ideia precisa encarar, o desenvolvimento da presente diversidade de alelos dos genes de histocompatibilidade humana de tal par iriam exigir cinco ou dez milhões de anos (cf. Wilcox, 2003, pp. 250-252).¹⁸ A menos que nós queiramos considerar “Adão e Eva” os ancestrais biológicos de todos os hominídeos, e, talvez, até dos pongídeos, nós precisamos abandonar isto.

Há debate científico hoje sobre como os modernos humanos surgiram. Um relativamente pequeno grupo emigrou da África recentemente e substituiu antigas populações *homo?* Ou os modernos humanos se desenvolveram em diferentes localidades, com cruzamentos híbridos para evitar especiação. A teoria “a partir da África” tem maior similaridade com a leitura literal do Gênesis que a teoria “continuidade regional”, mas o modelo teológico sugerido na próxima sessão pode ser aplicado a ambos.

É importante reconhecer, no entanto, que as criaturas descritas pelo termo bíblico *adam*, “ser humano”, não podem ser automaticamente equacionadas com a espécie *Homo sapeciens* ou com os “humanos anatomicamente modernos”. Os primeiros humanos, em um sentido teológico, eram hominídeos em quem a razão, autoconsciência e comunicação estavam desenvolvidos a um grau em que era, de alguma forma, possível que eles estivessem conscientes

¹⁸ Morton (1997) data a vida do Adão bíblico mais de cinco milhões de anos atrás.

da palavra de Deus dirigida a eles. Eles poderiam conhecer, ainda que em penumbra, a vontade de Deus para eles. Deste ponto em diante, eu uso a palavra “humanos” para me referir aos humanos no sentido teológico definido aqui.

Em qualquer caso, a humanidade veio a ser através de um processo evolucionário no qual a seleção natural foi, ao menos, um fator majoritário. Nossos ancestrais teriam sido membros de suas espécies, que eram as mais bem sucedidas na competição por comida, oportunidades de procriação, proteção de predadores e outras necessidades de sobrevivência, por meios justos ou injustos.

A última frase não se aplica a criaturas que não são agentes morais com conhecimento de “justo” e “injusto”. Nossos ancestrais pré-humanos não podem ser chamados de “imorais”, muito menos “pecaminosos”, porque eles mataram, enganaram, foram sexualmente promíscuos, e fizeram outras coisas que seriam pecaminosas para seus descendentes humanos. Mas quando os primeiros humanos, como nós os definimos, vieram a ser, eles teriam fortes propensões para os mesmos comportamentos. Quando eles começaram a se tornar conscientes de que tais ações eram contrárias à vontade de Deus, essas criaturas seriam agentes morais para quem tais atos seriam pecaminosos. Mas, por causa de suas tendências herdadas, seria difícil para eles evitarem estes atos.

Estas implicações da seleção natural são teóricas, mas nós não precisamos nos basear apenas em teorias. Estudos de nossos ancestrais primatas têm descoberto que eles se comportam de



maneira consistente com o que a seleção natural nos leva a esperar (cf. Leakey e Lewin, 1992, cáp. 16; Sagan e Druyan, 1992, cáps. 14 e 15). A humanidade não se desenvolveu através de uma sanguinolenta “guerra de todos contra todos”. Há muitos exemplos de comportamento cooperativo entre outros primatas. Mas a seleção natural representa um sério desafio à ideia de que os primeiros humanos viveram em um estado de integridade sem pecado durante qualquer período de tempo. Não é difícil acreditar que criaturas que evoluíram através de seleção natural pecaram. É mais difícil crer na ideia de que os primeiros humanos foram criados em uma condição de retidão original na qual eles tivessem uma real possibilidade de *não* pecar.

Perdido na mata

Como poderia um pecado cometido pelos primeiros humanos resultar em uma condição em que todos os outros humanos são pecadores desde o início de suas vidas? Essa condição tem, algumas vezes, sido chamada de “pecado hereditário” (*Erbsünde*), mas não é preciso entendê-lo como “genético”, como se ele houvesse sido gravado no DNA. Nós sabemos de condições que são “hereditárias” – herdadas de um pai –, mas não genéticas, como síndrome alcoólica fetal. Esta condição é “ambiental”, sendo causada pelas condições do ambiente uterino, que são devidas ao fato do consumo de álcool pela mãe.

Vamos imaginar o primeiro grupo de homínídeos – não é necessário decidir aqui o quão grande o grupo pode ter sido, ou onde ou quando ele viveu – que se desenvolveu ao ponto de autoconsciência e habilidade linguística.¹⁹ Nós consideramos o curso evolucionário pelo qual essa condição foi alcançada como um no qual Deus estava continuamente trabalhando através de processos naturais como causas secundárias (*cf.* Murphy, 2003, cap. 6 e 8). Estes humanos desenvolveram habilidade de raciocinar e comunicar e estão aptos a receber e, ao menos rudimentarmente, compreender a Palavra de Deus, confiar nessa Palavra, e conhecer e obedecer a vontade de Deus para eles. Nós não sabemos de que maneira a expressão da vontade de Deus pode ter vindo a eles ou qual comando pode ter correspondido à proibição da árvore do conhecimento em Gênesis. Pode ter dito respeito à maneira em que as pessoas viviam em comunidade, mas sobre isso nós podemos apenas especular.

Estes primeiros humanos estão no começo de uma estrada ao longo da qual Deus quer levar a eles e a seus descendentes à total maturidade e completo companheirismo com Deus. Em princípio, eles podem seguir esta estrada, mas não será fácil. Eles herdaram características que permitiram a seus ancestrais sobreviver e passar seus genes. E estas características, como vimos, os predisporão ao comportamento egoísta e para longe do tipo de comunidade – com Deus, com os outros e a criação – que Deus quer para eles. Tal

¹⁹ Para expressões breves das idéias desenvolvidas aqui, ver: Murphy (1986), cap. 8, e *Christology, Evolution, and the Cross* em Miller (2003). A abordagem de Collins (2003), possui similaridades com a aqui desenvolvida.



comportamento não está “programado” neles, mas a tendência em direção a eles é bem forte. Eles podem se recusar a confiar e podem desobedecer o que sabem, mesmo que rudimentarmente, ser a vontade de Deus para eles.

A história indica que isto foi o que aconteceu. Nós precisamos notar, primeiro, a evidência de ideias religiosas em enterros, arte rupestre e, talvez, até em artefatos primitivos.²⁰ Algumas pessoas podem tomar tais sinais de “espiritualidade” como um traço positivo da humanidade primitiva, mas espiritualidade é, em si, ambígua. O problema humano básico, como Paulo o descreve em Romanos 1:18-31, não é que as pessoas sejam ateias, mas que elas adoram a criatura invés do criador. Religiões primitivas podem muito bem ser um sinal de alienação de Deus. E é muito óbvio que a humanidade se envolveu em conflitos desde seus começos.

A história bíblica indica que esta é uma descrição *teologicamente* acurada do que aconteceu. Os primeiros humanos tomaram o caminho errado, aquele “que leva à perdição” (Mateus 7:13), para longe do alvo que Deus determinou. Eles e seus descendentes foram, logo, alienados de Deus. A humanidade estava perdida na mata e a escuridão havia caído.

O parágrafo anterior não é uma tentativa de ler os primeiros capítulos de Gênesis como história. História puramente secular nos mostra que a humanidade em geral não conheceu ou adorou ao Deus

²⁰ Morton, em <http://home.entouch.net/dmd/religion.htm>, interpreta a estrutura em *Bilzingsleben* datada de 425.000 anos atrás, como religiosa.

de Israel e esteve envolvida em conflito desde o começo. O que a história bíblica faz é prover um entendimento teológico desta história.

Esta imagem de “tomar o caminho errado”, como aquela da “queda”, é uma metáfora para a condição humana, não uma narrativa histórica. Mas o quadro de distanciamento gradual do curso desejado por Deus é, como nós observamos anteriormente, um que os primeiros capítulos de Gênesis transmitem. É importante notar que não é a condição de estar em uma jornada, estar em um processo, que é, em si, pecaminoso. Ser participante no processo evolucionário é ser criatura de Deus, o que é bom. O problema do pecado não é que estamos em uma estrada, mas que estamos na estrada *errada*.

A humanidade pode ser entendida como uma “simbiose” de genes e cultura.²¹ Ambos são bons, por ajudarem a transmitir a essência do que consideramos humano. Mas ambos também podem contribuir para o desvio da intenção de Deus para a humanidade. Nossa constituição genética, condicionada pela seleção natural, nos dá tendências poderosas para o comportamento egoísta. As culturas em que somos concebidos, nascidos e vivemos exacerba estas tendências de várias maneiras. Nós nascemos como membros de uma tribo que está perdida na selva.

Dizer que há um componente genético no pecado original não é dizer que há um “gene do pecado”. Se uma ação é pecaminosa, geralmente, depende do contexto em que acontece, bem como da ação em si. E, ao contrário do “mito do gene”, que diz que todas as

²¹ cf. Hefner (1993, pp. 28–31). Ele atribui a ideia à Ralph Wendell Burhoe.



nossas propriedades e comportamentos estão determinadas pelo DNA (cf. Peters, 1997), os genes nos dão, no máximo, tendências para certos comportamentos.

Dizer que há um componente cultural no pecado original significa que o pecado é, em parte, um resultado do ambiente, um efeito da “formação”, bem como da “natureza”.²² Isso difere da visão ingênua atribuída a Pelágio, que Adão provê apenas um mau exemplo para nós. Os efeitos de nosso ambiente podem ser muito mais penetrantes que isso, como a analogia da síndrome de álcool fetal sugere. Elas não são coisas que nós livremente escolhemos aceitar ou rejeitar, mas influências que nós recebemos “com o leite de nossa mãe”.

A universalidade do pecado, então, significa mais que todas as pessoas cometem pecados. Há uma solidariedade no pecado (cf. Trooster, 1968), de modo que as pessoas formam uma “massa pecaminosa”, na linguagem clássica. Linguagem mais moderna fala em “estruturas de pecado”, como o racismo e a cultura de aborto nas sociedades humanas. Uma pessoa nascida em uma sociedade racista não está predestinada a ser racista, mas será bem “natural” se tornar um. Nada disso, é claro, significa que o pecado individual é desimportante, ou a culpa pode ser inteiramente da sociedade.

A palavra normalmente usada no Novo Testamento para pecado, *hamartia*, significa, literalmente, errar o alvo. Ela pode designar atos pecaminosos específicos, mas em Paulo e João ela se

²² Apesar de ser pré-darwiniana, a discussão em Schleiermacher (1928) tem interesse aqui.

refere à “qualidade pecaminosa da vida e ao estado de alienação de Deus”.²³ Uma pessoa que começa no lugar errado errará o alvo mesmo antes de começar. Então, nosso pecado de origem é verdadeiramente pecado. Como Tillich coloca: “Antes que o pecado seja um ato, ele é um estado” (Tillich, 1948, p. 155).

Agostinianos estritos ou pelagianos determinados ficarão satisfeitos com esta formulação. Pessoas não regeneradas não são compelidas ao pecado, mas todas as pessoas são pecadoras e precisariam da graça salvadora mesmo que elas pudessem evitar “pecados atuais”. Esta aproximação preserva a essência do que a Igreja Ocidental tem insistido sem usar as teorias sobre história humana ou transmissão do pecado, que agora parecem insustentáveis.

Se o problema humano é que como nós descrevemos, salvação significa ser colocado na estrada certa. É uma renovação da criação, não como um retorno ao estado primordial perfeito, mas uma reorientação da criação ao seu destino correto. Deus começa este processo com a chamada de Abraão. Através da história de Israel (*cf.* Joel 2:13), pessoas são chamadas a “voltar” para Deus.

Finalmente, Deus mesmo vem compartilhar a condição humana, convidando e capacitando as pessoas a segui-lo. O trabalho de Cristo é re-criação e qualquer pessoa em Cristo é nova criatura (2 Coríntios 5:17). Parte deste processo é vida na comunidade cristã, uma cultura daqueles chamados a seguir a Cristo. Mas, porque esta

²³ Segundo o *Interpreters Dictionary of the Bible*.



comunidade existe no mundo real, ela nunca provê um contexto perfeito no qual os efeitos do pecado são completamente superados. O estado de integridade é uma esperança escatológica.

Pecado e mortalidade

Eu mantive até o fim o assunto que é mais problemático para algumas pessoas, “pecado e mortalidade antes da queda”. Um quadro evolucionário implica que criaturas morreram por eras antes que a humanidade e o pecado surgissem e seleção natural significa que a morte é mesmo um componente do processo evolucionário. Para alguns cristãos, isto é razão suficiente não apenas para rejeitar a evolução, mas para insistir em uma terra jovem.

Deve ser dito que esta visão extrema não tem base nem na teologia nem na ciência. Textos bíblicos que ligam o pecado à morte, Gênesis 3:19, Romanos 5:12-21 e 1 Coríntios 15:21-22, referem-se à humanidade e não há motivos para insistir que eles têm outros animais em vista. A evidência científica para a morte de animais antes do advento da humanidade é, claro, surpreendente. Em última análise, a rejeição da “morte antes da queda” baseia-se na crença de que Deus criou um mundo originalmente perfeito, no qual processos destrutivos estavam ausentes. Eu argumentei, no começo deste artigo, que não há motivos para sustentar esta visão. Aqueles que acreditam que Deus estava, ele mesmo, desejando entrar na morte para trazer a plenitude à criação terão menos problema com a ideia de que Deus fez um mundo em que criaturas morreriam.

Não há razão científica para distinguir entre a humanidade e outros animais, na medida em que a morte física está em questão. E, enquanto no “dia em que dela comeres, tua morte estará marcada” é dito à humanidade, este verso não deveria ser entendido literalmente. No *dia* em que o homem e a mulher comerem, eles *não* morrem. Cristãos têm visto que a ameaça deve se referir primeiro à morte espiritual como resultado da separação de Deus.

A Septuaginta traduziu o hebraico *moth tamuth* por *thanato apothaneisthe*, “morrendo, morrerás”, que sugeriu a Atanásio que a penalidade para a separação da humanidade de seu caminho próprio era “não meramente morrer, mas sempre habitar na corrupção da morte”. Sem pecado, os primeiros humanos teriam experimentado a morte como um processo físico, mas não como corrupção e separação de Deus (*cf.* Atanásio, 1978, p. 38).²⁴ (A questão não é que a Septuaginta esteja correta aqui, mas que um pai da igreja proeminente entendeu a condição original da humanidade como incluindo a mortalidade biológica)

Paulo diz que “todos morrem em Adão” (1 Coríntios 15:22), mas há ao menos duas maneiras de entedê-lo. Nós não precisamos pensar que a morte humana, meramente como fenômeno biológico, é um resultado do pecado. O pecado torna a morte pavorosa por causa da separação final que ela implica, a “segunda morte” de Apocalipse 20:14. Novamente, a visão de Atanásio é bem diferente da ideia de imortalidade original na tradição ocidental (*cf.* Atanásio, 1978, p. 47).

²⁴ Ver também p. lxxi do *Prolegomena* por Archibald Robertson.



James Barr (1992) apontou que a história de Gênesis 3 pode ser melhor lida não como a história da imortalidade perdida, mas da *chance* perdida de imortalidade. Humanidade é pó e, no curso natural das coisas, retorna ao pó. Após o primeiro pecado, eles são impedidos de acessar a árvore da vida (Gênesis 3:22) e não podem, portanto, “viver para sempre”.

Esta árvore, mencionada brevemente no começo da Bíblia, aparece no finalzinho. Em Apocalipse 22:2, a árvore da vida é encontrada não em um jardim, mas no meio de uma cidade na qual “não haverá morte” (Apocalipse 21:4). A imortalidade não é algo que a humanidade uma vez teve e perdeu, mas uma esperança escatológica. Contudo, a árvore da vida é um objeto histórico, que reverte as expectativas convencionais de imortalidade. A árvore da vida é a cruz de Cristo (*cf.* Lathrop, 2003, pp. 220–4).

Referências bibliográficas

- A *SELECT Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers V.* (1971), First Series. Grand Rapids: William B. Eerdmans.
- ATANÁSIO. (1978), *On the Incarnation of the Word*. In: *A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church IV.* (1978), Second Series. Grand Rapids: William B. Eerdmans.
- BARR, J. (1992), *The Garden of Eden and the Hope of Immortality*. Minneapolis: Fortress.
- BARTH, K. (1956), *Christ and Adam: Man and Humanity in Romans 5*. New York: Harper & Brothers.
- _____. (1957), *Church Dogmatics II*. Edinburgh: T. & T. Clark.
- _____. (1959), *Dogmatics in Outline*. New York: Harper & Row.

- BÍBLIA. Português. (1994), *Bíblia. Tradução ecumênica* (TEB). Edição de estudo. São Paulo: Loyola.
- BONHOEFFER, D. (1998), *Creation and Fall*. In: BONHOEFFER, D. (1998), *Works 3*. Minneapolis: Fortress.
- BOUREUX, C.; THEOBALD, C. (eds.). (2004), *Original Sin: A Code of Fallibility*. London: SCM.
- CABLE, L. W. (s/d), *Evolution or Genesis*. Disponível na página: <http://home.inu.net/skeptic/genev.htm>.
- CAIRD, G. B. (1966), *The Revelation of St. John the Divine*. New York: Harper & Row.
- COLLINS, R. (2003), *Evolution and Original Sin*. In: MILLER, K. B. (ed.). (2003), *Perspectives on an Evolving Creation*. Grand Rapids: William B. Eerdmans.
- EDWARDS, J. (1970), *The Great Christian Doctrine of Original Sin Defended*. In: HOLBROOK, C. A. (ed.). (1970), *The Works of Jonathan Edwards*. 3. ed. New Haven: Yale University Press.
- HAM, K. (1987), *The Lie: Evolution*. El Cajon: Master Books.
- HEFNER, P. (1993), *The Human Factor*. Minneapolis: Fortress.
- HEPPE, H. (1977), *Reformed Dogmatics*. Grand Rapids: Baker.
- IRINEU. (1997), *On the Apostolic Preaching*. Crestwood: St. Vladimir's Seminary.
- KOLB, R.; WENGERT, T. J. (eds.). (2000), *The Book of Concord*. Minneapolis: Fortress.
- LATHROP, G. W. (2003), *Holy Ground: A Liturgical Cosmology*. Minneapolis: Fortress.
- LEAKEY, R.; LEWIN, R. (1992), *Origins Reconsidered*. New York: Doubleday.
- LUTERO. (1958), *Lectures on Genesis*. In: *Luther's Works 1*. St. Louis: Concordia.
- LUTHERAN Book of Worship: Minister's Desk Edition*. (1978), Minneapolis: Augsburg.



- MILLER, K. B. (ed.). (2003), *Perspectives on an Evolving Creation*. Grand Rapids: William B. Eerdmans.
- MORTON, G. R. (1997), *Adam, Apes and Anthropology*. Dallas: DMD Publishing.
- MURPHY, G. L. (1986), *The Trademark of God*. Wilton: Morehouse-Barlow.
- _____. (1993), *The Incarnation as a Theanthropic Principle*. In: *Word & World XIII* (1993): 256.
- _____. (2003), *The Cosmos in the Light of the Cross*. Harrisburg: Trinity Press International.
- NIEBUHR, R. (1964), *The Nature and Destiny of Man 1*. New York: Charles Scribner's Sons.
- PEAKE, A. S. (1908), *Christianity: Its Nature and Truth*. London: Duckworth.
- PETERS, T. (1997), *Playing God?: Genetic Determinism and Human Freedom*. New York: Routledge.
- REES, B. R. (1991), *The Letters of Pelagius and His Followers*. Woodbridge: Boydell.
- RUSCH, W. H. (1991), *Origins: What is at Stake?* Terre Haute: Creation Research Society Books.
- SAGAN, C.; DRUYAN, A. (1992), *Shadows of Forgotten Ancestors*. New York: Random House.
- SCHLEIERMACHER, F. (1928) [1830], *The Christian Faith*. Edinburgh: T. & T. Clark.
- SCHMID, H. (1961), *The Doctrinal Theology of the Evangelical Lutheran Church*. 3. ed. revised. Minneapolis: Augsburg.
- SEELY, P. H. (2001), *The Date of the Tower of Babel and Some Theological Implications*. In: *Westminster Theological Journal* 63 (2001): 15, especially section VIII.
- SEGUNDO, J. L. (1974), *Evolution and Guilt*. Maryknoll: Orbis.

- TENNANT, F. R. (1968), *The Sources of the Doctrines of the Fall and Original Sin*. New York: Schocken.
- TEÓFILO DE ANTIOQUIA. (1979), *Theophilus to Autolytus*. In: *The Ante-Nicene Fathers II*. Grand Rapids: William B. Eerdmans.
- TILLICH, P. (1948), *You Are Accepted*. In: *The Shaking of the Foundations*. New York: Charles Scribner's Sons.
- TOMÁS DE AQUINO. (1952), *The Summa Theologica of Saint Thomas Aquinas*. Third Part, Q.I. Art.3. Chicago: Encyclopedia Brittanica.
- TROOSTER, S. (1968), *Evolution and the Doctrine of Original Sin*. New York: Newman Press.
- WARE, T. (1963), *The Orthodox Church*. Baltimore: Penguin.
- WESTERMANN, C. (1984), *Genesis 1–11: A Commentary*. Minneapolis: Augsburg.
- WELLS, H. G. (1926), *The Outline of History – Being a Plain History of Life and Mankind*. 4. ed. London: Cassell & Co.
- WILCOX, D. (2003), *Finding Adam: The Genetics of Human Origins*. In: MILLER, K. B. (ed.). (2003), *Perspectives on an Evolving Creation*. Grand Rapids: William B. Eerdmans.
- WILEY, T. (2002), *Original Sin: Origins, Developments, Contemporary Meanings*. New York: Paulist.
- WILLIAMS, P. A. (2001), *Doing without Adam and Eve: Sociobiology and Original Sin*. Minneapolis: Fortress.
- WOLFF, H. W. (1974), *Hosea*. Philadelphia: Fortress.